

Valdir Aragão do Nascimento¹

**Identidade e
fronteira: Paraguai e Brasil em contexto²**

As fronteiras compõem-se como importantes espaços onde se apresentam as mais variadas e, por vezes, contundentes interpretações acerca do ‘outro’. É o espaço onde habitam e convivem conflitos, semelhanças, crenças e visões de mundo. A noção de fronteira não raro é associada à idéia de limite, de barreira, que determina territórios e estabelece descontinuidades, impedindo a livre comunicação e contato entre os povos que habitam esses espaços. De outro lado, a visão romântica associa fronteira a populações unidas fraternalmente, ainda que separadas por uma linha divisória que lhes é exteriormente imposta. Mais que isso, porém, a fronteira, como salienta Raffestin (2005), é um fato social de uma riqueza considerável, que compreende aspectos físicos, morais, políticos, religiosos e culturais de diversas ordens. É um espaço de tensão e contradição entre aquele que cruza a fronteira e o que a reforça (ALBUQUERQUE, 2009).

Reforçando a análise de Albuquerque, Garduño (2003, p. 71) assinala que:

[...] la identificación de las fronteras como zonas de cotidiana transposición, formal e informal, trajo consigo la *designificación* de su sentido geopolítico literal y condujo a la exploración de los distintos fenómenos de carácter cultural e identitario que tienen lugar en estas zonas.

No campo da antropologia, se desde muitas décadas³ a temática da fronteira desperta a atenção de seus pensadores, é a partir do final do século XX e início do século XXI, com o advento da chamada globalização e dos processos a ela associados – tais como a migração intensa, a ampliação das zonas de contato e, em contrapartida, as imposições de barreiras territoriais e identitárias – que o tema ganha destaque e inspira um volume crescente de investigações.

As pesquisas voltaram-se para o levantamento e interpretação das microrrelações e das trocas econômicas e culturais que acontecem em decorrência dos fluxos transfronteiriços de bens, pessoas e símbolos e, da mesma forma, preocuparam-se em identificar o papel dos

¹ Bacharel em Ciências Sociais (UFMS), Pós graduando em Antropologia [Nível de mestrado] UFGD.

² O texto aqui exposto é parte do projeto de pesquisa a ser executado para obtenção do título de mestre em antropologia sociocultural pela Universidade Federal da Grande Dourados UFGD

³ . E. Leach, em seu estudo sobre Burma, de 1960, já problematizava a noção convencional de fronteira política (HANNERZ, 1997) e, como salienta Grimson (2000), no livro Ritos de passagem, Van Gennep nos legou um dos mais brilhantes trabalhos sobre fronteira num sentido metafórico (p. 13).

territórios e das populações “periféricos” na construção do estado e da nacionalidade, que antes se restringiam às zonas consideradas centrais. De acordo com Grimson (2003), “o enfoque contemporâneo, que estimula esses estudos, visa analisar como as negociações identitárias nas fronteiras afetam a construção de novos sentidos da nacionalidade e, inversamente, como as novas políticas definidas desde os centros político-econômicos transformam a vida cotidiana e a experiência das populações locais” (p. 22). É nesse aspecto que, ao ressaltar a importância do estudo da fronteira, Sahlins (2000) destaca a sua contribuição no sentido de evidenciar o papel dos grupos locais como agentes e atores históricos na formação de identidades e territórios.

Assunção (em castelhano *Asunción*, de seu nome completo *Nuestra Señora de la Asunción*) é a capital e maior cidade do Paraguai. Localiza-se às margens do rio Paraguai, no sul do país, constituindo-se ainda no principal porto fluvial (Porto de Assunção) e centro industrial e cultural do país. As principais indústrias são de calçados, têxteis e cigarros. A cidade está edificada na margem esquerda do rio Paraguai, quase em frente à confluência deste último com o rio Pilcomayo, delimitando desta forma a baía de Assunção. A nordeste, a cidade é faz fronteira com a cidade de Mariano Roque Alonso, a leste com Luque e Fernando de la Mora, e a sul com Lambaré e Villa Elisa (MACHADO, 2005).

As cidades gêmeas de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) caracterizam-se por um elevado e constante fluxo de pessoas e de mercadorias, facilitado por sua condição de conurbação. A linha de fronteira, que demarca o limite internacional no contexto urbano, constitui-se numa estreita faixa de terra, com aproximadamente 13 km de extensão, tangenciada pela Avenida Internacional, no lado brasileiro, e pela Rua Dr. Francia, no lado paraguaio. As duas cidades se desenvolveram ao longo dessa linha divisória, através da qual se estabeleceram as casas comerciais e as residências de paraguaios e de brasileiros (LAMBERTI E OLIVEIRA, 2008).

A despeito do contato existente entre os dois povos, brasileiros e paraguaios, tanto no que diz respeito às relações comerciais, sociais e culturais; a convivência pacífica não se traduz, entretanto, num convívio fraterno e harmonioso entre os povos paraguaio e brasileiro. Existe uma rivalidade histórica, que advém do período da Guerra com o Paraguai, em função da qual são disseminadas imagens negativas do Brasil, visto como nação imperialista e usurpadora de territórios, enquanto que seu povo é tido como arrogante e presunçoso. Os brasileiros, por seu lado nutrem uma imagem do Paraguai como país atrasado, subdesenvolvido, com um povo pouco empreendedor, violento e desleal; comumente associado à derrota e a pobreza é taxado de desonesto e traiçoeiro, entre outros qualificativos

depreciativos que desaparecem da idealização do convívio amistoso com o povo irmão (BANDUCCI, JR, 2009).

A fronteira é um fato social e não apenas um fato geográfico. “Espaço temporal, a fronteira é também espaço bio-social: Ela delimita um ‘pra cá’ e outro ‘pra lá’, um ‘antes’ e um ‘depois’, com um limite marcado e uma área de segurança” (RAFFESTIN, 2005. p. 11).

No trabalho intitulado *A Formação do Território Turístico de Pedro Juan Caballero (PARAGUAI)* de Patrícia Cristina Statella Martins (2007, p. 82), existe uma afirmação [atribuída a todos os entrevistados]:

Todos os entrevistados, independente da nacionalidade, afirmaram que o fronteiriço é diferente dos outros paraguaios “Quem vive aqui fala guarani, português. Mescla de culturas. Não há essa facilidade de comunicação em outro lugar. Há integração (se casam) o que é interessante para evitar discórdia”

Mas será que essa opinião é corroborada pelos paraguaios que moram fora da fronteira? E o que eles acham a respeito da *identidade* paraguaia nesse caldo cultural? Será que também se sentem diferentes, mais “puros” por conta do distanciamento do local do fenômeno da interação cultural? Segundo Patrícia (p. 82) “O idioma é um dos responsáveis por essa diferença [...]”. E quais seriam os outros? De acordo com o depoimento de um dos entrevistados: “Aqui é uma cultura diferente, nós assimilamos a cultura brasileira e por isso somos diferentes. Somos únicos. Nossa linguagem é uma mistura”. Contudo, como observa Grimson, (2004) “Os hibridismos culturais não se traduzem necessariamente em formas híbridas de identificação”. A despeito dos depoimentos dos entrevistados, não se pode reduzir o fenômeno apontado só pelo fato de haver uma assimilação entre as duas culturas.

Delimitação do Tema

Faz-se necessário, aqui, tecer algumas considerações acerca do que significa, de acordo com a visão dos pesquisadores, a *fronteira*. De acordo com Garduño (2003, p. 70-71).

[...] durante mucho tiempo, la noción prevaleciente de frontera se fincó en la definición clásica establecida por el geógrafo alemán Frederic Ratzel (1897:538), quien afirmaba que ésta era una mera línea geográfica que separaba a dos territorios distintos, sujetos a dos soberanías diferentes, y que debía funcionar como un artefacto natural y necesario que, “al igual que la epidermis de un ser vivo, provee protección, así como la posibilidad de intercambio con el mundo exterior”. Esta concepción de frontera prevaleció hasta la Segunda Guerra Mundial, al ser asumida como una delimitación territorial rígida “Para ser defendida, para ser cruzada legalmente, o [incluso] para ser violada [pero no] para ser negociada o flexible” (Donnan y Wilson, 1994:1; véase también Herzog, 1990:53) Evidentemente, como

lo señala Robert Álvarez (1995:452-453), este enfoque ofrecía una idea simplista sobre la frontera como una región geográfica habitada por poblaciones “congeladas en el tiempo” y extremadamente constreñidas por delimitaciones territoriales y estructurales, que empezó a ser duramente confrontada por una serie de hechos irrefutables. Entre éstos se encuentran la creciente interdependencia económica mundial, la multiplicación de compañías multinacionales que vinieron a promover, por un lado, la transnacionalización de recursos y de procesos productivos y, por otro, el éxodo de industrias provenientes de los países desarrollados hacia países sub desarrollados con elevada oferta de fuerza de trabajo. De esta manera, la noción de fronteras altamente protegidas y militarizadas de la preguerra se vio notablemente desgastada frente a un proceso que Fernández (1980:18) definió como “El avance de la frontera económica sobre la frontera política y legal, y la transformación de esta última en una delimitación geográfica ficticia” (véase también Herzog, 1990:53). [grifo do autor].

Nos últimos anos a questão da fronteira enquanto um tema relevante da pesquisa antropológica tem sido uma constante na análise dos processos migratórios, seja como uma referência a espaços fronteiriços ou como uma metáfora para processos que ocorrem às margens, nesse sentido uma “antropologia da margem” (MACHADO, 2005, p. 181).

Os dicionários apontam como significado da palavra fronteira acepções tais como: 1) parte extrema de uma área, região, etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro; 2) a área contígua a essa parte extrema; 3) o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc., dentre outras (HOUAISS). No entanto, os desdobramentos de sentido do vocábulo fronteira vão muito além das meras acepções que lhe impingem os dicionários.

Para Grimson (2000, p. 39):

Frontera ha devenido un concepto clave en los relatos y explicaciones de los procesos culturales contemporáneos. las análisis – económicos e simbólicos – de la llamada “globalización” se refieren, una y otra vez, a los limites, los bordes, las zonas de contacto. Sin embargo, El concepto de frontera sigue siendo difuso tanto em cierta retórica diplomática como em gran parte de los ensayos sociales y estudios culturales. Justamente, una de sus características es la duplicidad: frontera fue y es simultáneamente un objeto/concepto y um concepto/metáfora. De una parte parece haber fronteras físicas, territoriales; de la outra, fronteras culturales, simbólicas. [...] Esas fronteras entre estados y, supuestamente, entre “naciones” son límites materiales cargados de sentidos diversos. La combinación de estas polisemias com la relevancia política y cultural ha convertido a las fronteras em una herramienta y um centro de disputas teóricas.

Ainda acerca do caráter cultural dinâmico das regiões de fronteira, José Lindomar Albuquerque acredita que:

As fronteiras políticas têm variados sentidos construídos pelas populações locais que vivenciam a experiência das travessias e dos controles estatais. Do ponto de vista dessas populações fronteiriças, outras fronteiras sociais são construídas através do comércio fronteiriço, das redes de amizades, familiares, de namoros e casamentos que atravessam os limites políticos. Essas fronteiras não são estáticas, mas estão em

constante movimento de redefinição e negociação (ALBUQUERQUE, 2009, p. 9).

Corroborando a análise de Lindomar, Pesavento (2002, p. 37) observa que: “Se a fronteira cultural é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica”.

Para os autores em questão as fronteiras são muito mais do que meros limites físicos e políticos. Elas são o amálgama, nem sempre visível, de uma infinidade de relações humanas, culturais e sociais que se redefinem, se transformam e se complementam, sem sempre pacificamente, no devir dos povos fronteiriços.

Alguns pesquisadores (Cf. Wilson y Donna, 1998⁴) denunciam a existência de uma imagem romanceada do convívio entre grupos humanos nas regiões de fronteira. Tal imagem quer fazer crer que existe uma unicidade indistinta, dotada de um caráter indiviso e que, por isso, despida de identidade, idiosincrasias e subjetividades. A respeito da visão romanceada de fronteira, Grimson (2000, p. 201) apresenta os verdadeiros motivos políticos que a tornam tão atraente:

En una parte de los estudios sobre fronteras de los estados latinoamericanos prevalece la imagen de que poblaciones limítrofes han llevado a la práctica desde hace mucho tiempo una “integración” por abajo, mostrando que las fronteras “sólo existen en los mapas” y que, más allá de las hipótesis de conflicto de los estados, los pueblos fronterizos han dado muestras de su “hermandad”. También en otras regiones algunos de los estudios de fronteras han tendido a analizar a las poblaciones fronterizas vecinas como una “comunidad”, tendiendo a minimizar el rol del Estado, de la nación e incluso de la frontera [...]. En uno esfuerzo teórica e políticamente orientado a desconstruir las identificaciones nacionales a veces se ha puesto un énfasis excesivo en la “inexistencia” de las fronteras para las poblaciones locales, produciendo una imagen congelada previa a la construcción del Estado, como si sus constantes intervenciones y sus complejos dispositivos hubieran podido no afectar y no involucrar de ningún modo significativo a las poblaciones locales. Esta versión romántica y esencialista ha impedido comprender de modo cabal la relevancia cognitiva, política, económica y cultural del Estado y de la nación.

No bojo dessa discussão acerca de fronteiras [políticas, geográficas, culturais, sociais, econômicas...] encontram-se os aspectos étnicos e identitários. Segundo Barth (2000, p. 32-33):

É importante reconhecer que apesar das categorias étnicas levarem em conta diferenças culturais, não podemos pressupor qualquer relação de correspondência

⁴ Wilson, Thomas y Donnan, Hastings (comps): *Border Identities*, Nueva York, Cambridge University Press, 1998.

simples entre as unidades étnicas e as semelhanças e diferenças culturais. As características a serem efetivamente levadas em conta não correspondem ao somatório das diferenças “objetivas”; são apenas aquelas que os próprios atores consideram significativas [...] as categorias étnicas oferecem um recipiente organizacional que pode receber conteúdo em diferentes quantidades e formas nos diversos sistemas socioculturais. Podem ter grande importância, mas não necessariamente; podem colorir toda a vida social, mas também ser relevantes apenas em determinados setores de atividade.

Ou seja, compartilhar algumas similitudes, sejam elas advindas de hábitos culturais, lingüísticos ou sociais, não é condição para que se percam características identitárias, visões de mundo e idiosincrasias há muito arraigadas. Como observou Fredrik Barth (1998):

Onde indivíduos de culturas diferentes interagem poder-se-ia esperar que [as] diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores [...] Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais (p. 196).

Poder-se-ia dizer que o exposto acima, como verificou Roberto Cardoso de Oliveira “[...] teria sua configuração marcada por um processo transnacional, apontando esse termo para o caráter dinâmico das relações sociais vividas pelo contingente populacional localizado na fronteira.”. Para esse autor, o que se impõe ao observador como uma instância empírica sujeita à descrição sistemática é, precisamente, esse processo transnacional (CARDOSO DE OLIVEIRA & BAINES, 2005, p. 14).

Cardoso de Oliveira analisa que, no caso de uma situação de fronteira:

aquilo que surge como um poderoso determinador social, político e cultural – provavelmente mais do que a etnicidade - passa a ser a nacionalidade dos agentes sociais; é quando nacionalidade e etnicidade se interseccionam, tal qual identidades que passam a ocupar, praticamente, um mesmo espaço. E é exatamente esse espaço ocupado pela nacionalidade que tende a se internacionalizar, graças ao processo de transnacionalização que nele tem lugar. Torna-se um único espaço virtual – do ponto de vista social e cultural – ao longo de um processo histórico, no qual, como seria de se esperar, apenas a dimensão política, ou melhor, a identidade política e, portanto, a nacionalidade, continuaria a marcar a descrição dos indivíduos nos dois lados da fronteira. Em outras palavras, da mesma maneira que na confrontação entre identidades étnicas [...] agora, no caso de nacionalidades, será num espaço internacional marcado pela contigüidade de nacionalidades distintas (e no interior dessas, supostamente, de etnias diversas) que surge o foco privilegiado de investigação: não mais o sistema interétnico [...] mas o *sistema inter e transnacional, visto em termos das nacionalidades em conjunção* (Idem, p. 15).
[grifo do autor]

Assim, a persistência de grupos étnicos em contato, implica não apenas a existência de critérios e sinais de identificação, mas também uma estruturação das interações que permita a persistência de diferenças culturais (BARTH, 2000, p. 35).

A principal contribuição epistemológica de Barth consistiu, talvez, na relativização do conceito de sociedade vista como um fenômeno natural do ser humano cultural, apesar de não descartá-la completamente. Ele mostra que as sociedades podem ser poli-étnicas e, portanto, incluir grupos delineados e distintos, que os limites das sociedades podem ser não apenas relativos, mas também "permeáveis", no sentido de que as pessoas possam atravessar permanentemente em outra sociedade (ou seja, outro grupo étnico), e, finalmente, que os membros de um grupo étnico não precisam possuir todas as características consideradas como a definição do grupo – uma "semelhança de família" politética é suficiente. (ERIKSEN, 2003)⁵.

Em se tratando de grupos étnicos, é necessário, de acordo com Barth (2000, p.26):

Em primeiro lugar, tornar-se claro que as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções entre categorias étnicas não dependem de ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, *apesar* das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, estas distinções são mantidas. Em segundo lugar, há relações sociais estáveis, persistentes e frequentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes baseiam-se precisamente na existência de status étnicos dicotomizados. Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais, mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos.

Dada a ênfase na dimensão desses grupos como portadores de cultura, a classificação das pessoas e dos grupos locais como membros de um grupo étnico deve necessariamente depender da presença de traços culturais particulares (BARTH, 2000).

Pretende-se, no decurso da realização do trabalho, abordar as relações existentes entre paraguaios que vivem nas regiões de fronteira [Pedro Juan Caballero, PY], paraguaios que vivem no “interior”, ou centro [Assunção, PY] e brasileiros que vivem em Ponta Porã MS. O objetivo é identificar se há “contrastes identitários” significativos entre paraguaios da fronteira e do centro e, em havendo, em que aspectos a identidade do fronteiriço estaria

⁵ The main epistemological contribution of Barth [...] consisted, perhaps, in his refining and relativising the concept of society seen as a natural phenomenon of cultural humans, while not discarding it completely. He shows that societies may be poly-ethnic and thus contain delineated and distinctive groups, that the boundaries of societies may be not only relative but also "permeable" in the sense that people may permanently cross into another society (i.e. another ethnic group), and finally, that the members of an ethnic group need not share all the characteristics deemed as defining of the group (a polythetic "family resemblance" is sufficient). [Tradução minha]

moldada em função dessa condição de contato/convívio/interação com outra cultura: a brasileira.

Partindo do princípio que a construção da identidade de um povo é um processo não apenas dinâmico e segmentado, mas contraditório e ideológico, na medida em que se constitui num esforço por justificar, racionalizar e legitimar diferenças internas (DAMATTA, 1984), buscar-se-á elementos que se constituam em indicadores importantes, para a própria sociedade, de sua identidade cultural, ou, ainda, os “sinais diacríticos” de sua identidade, tanto a brasileira quanto a paraguaia, bem como o que é tributário uma da outra na tentativa de construir, conceitualmente, o que caracteriza e distingue cada povo aos seus próprios olhos.

Para fins de captação de dados, empregar-se-á a técnica etnográfica que consiste, de acordo com Geertz em [...] estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. No entanto, para ele, não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”⁶ (1989, p. 4).

A respeito do risco a que se refere Geertz quando trata do fazer etnográfico, Roberto Cardoso complementa que: “Para Geertz [...] poder-se-ia entender toda etnografia [...] não apenas como tecnicamente difícil, uma vez que colocamos vidas alheias em “nossos” textos, mas, sobretudo, por esse trabalho ser “moral, política e epistemologicamente delicado” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000. p. 26).

Metodologia

No tocante à metodologia, cabe ressaltar que, embora sejam realizadas visitas que demandem a permanência nas cidades citadas, não se adotará a observação participante – método clássico elaborado pelo antropólogo Bronislaw Malinowisk (1984)⁷. Entende-se que tal método não se aplica ao trabalho em questão, dada à escassez de tempo e a limitação de recursos.

Em se tratando de grupos étnicos, é necessário, de acordo com Barth (2000, p.26):

Em primeiro lugar, tornar-se claro que as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções entre categorias étnicas não dependem de ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, *apesar* das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias

⁶ Conceito emprestado do Filósofo britânico Gilbert Ryle (1900-1976). Ver. Sensation and Observation, p. 199-239. In: The Concept of Mind. Huchthinson’s university library.

⁷ Ver, sobre o método da observação participante, a introdução do livro Argonautas do Pacífico Ocidental.

de vida individuais, estas distinções são mantidas. Em segundo lugar, há relações sociais estáveis, persistentes e frequentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes baseiam-se precisamente na existência de status étnicos dicotomizados. Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais, mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos.

São esses traços que a proposta de trabalho apresentada se propõe caracterizar, visando destacar o que é próprio dos habitantes das cidades de Pedro Juan e Assunção, bem como dos habitantes de Ponta Porã; ou seja, as fronteiras étnicas que se estabelecem na fronteira Brasil/Paraguai e em Pedro Juan Caballero e Assunção.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais.** *Horizontes Antropológicos* [online]. 2009, vol.15, n.31, pp. 137-166.

BANDUCCI JÚNIOR, A. Tradição e Ideologia: a construção da identidade em mato grosso do sul. In: MENEGAZZO, M.A; BANDUCCI JÚNIOR A, (Orgs). **Travessias e limites: escritos sobre identidade e o regional.** Campo Grande MS, Ed. UFMS, 2009.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. Contra Capa; RJ, 2000.

_____. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade; seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras.** São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **The epistemological status of the concept of ethnicity** Conference paper, Amsterdam ("The Anthropology of Ethnicity"), December 1993. Published in *Anthropological Notebooks* (Ljubljana, Slovenia) in 1996.

GARDUÑO, Everardo. Antropología de la frontera, la migración y los procesos transnacionales. **Frontera Norte**, Vol. 15, NÚM 30, JULIO-DICIEMBRE, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. LTC, RJ, 1989.

GRIMSON, A. **Fronteras, naciones e identidades, la periferia como centro** (comp.). Buenos Aires: Ed. CICCUS; La Crujía, 2000.

HOUAISS, Antonio, **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, versão eletrônica.**

LAMBERTI, E. & OLIVEIRA, T.C.M. As trocas, a territorialidade e o ambiente na fronteira Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). In: OSÓRIO, A.C.N.; PEREIRA, J. H. V. & OLIVEIRA, T.C.M. (orgs). **América Platina: educação, integração e desenvolvimento territorial**. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, v. 1., 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1984 (Coleção Os Pensadores).

MARTINS, P. C. S. **A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai)**. Aquidauana (MS): UFMS, 2007 (Dissertação, Mestrado em Geografia).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

OLIVEIRA, R.C. de & BAINES, S. G. (Orgs.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: 2 ed. Ed. Editora UNESP, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras culturais**. São Paulo: Ed. Ateliê Editorial, 2002, p. 35-39.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: Machado de Oliveira, Tito Carlos. (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. 1 ed. Campo Grande: UFMS, 2005, v. , p. 9-15.

SAHLINS, P. Repensando Boundaries. In: GRIMSON, A (comp.). **Fronteras, naciones e identidades; la periferia como centro**. Buenos Aires: Ediciones CICCUS; La Crujía; 2000.